A bênção, Seus Olhos

1ª parte

Capítulo 1

Regina era obsessiva. Tinha obsessões. Pesadelos com monstros, às vezes pensava em alguém sem saber quem… e em ocasiões mencionava o assunto. Até que André resolvia investigar.

- O que faço - perguntou ela - com essas coisas que me perseguem, elas me perseguem obsessivamente… as minhas obsessões, o que faço, o que faço eu com elas? Não paro de lembrar e não consigo esquecer!

- Depende - respondeu André, ponderadamente -. Às vezes é conveniente encarar a realidade. Mas nem sempre.

Uma paixão incurável como a dele, por exemplo. Era melhor esquecer.

Por que Regina não se apaixonava? Resolveria os problemas dela e ela ficaria curada. E era tão fácil se apaixonar. Desde que sua paixão fosse correspondida, bem entendido, pois se fosse como a dele ela só iria sofrer ainda mais. Se ela fosse feliz com outro, ele é que sofreria mais do que já sofria. Ele se alegraria por ela, sem nenhuma dúvida, e cumpriria seu dever até o fim, enquanto pudesse suportar, prosseguindo com o trabalho normalmente, mas o melhor para ambos seria que ela se apaixonasse por ele, o que parecia impossível.

- Vamos estudar melhor este assunto - disse ele, com paciência infinita -. Vamos remover as causas, se possível… ou talvez as razões que a levaram a pensar isto ou aquilo já não existam e você não sabe. A que obsessão se refere?

- Devo fechar os olhos à realidade? Há ocasiões em que se devem fechar os olhos à realidade? Há?

- De que adianta se preocupar com a guerra Irã-Iraque? O exército iraniano acaba de lançar uma ofensiva terrestre e invadiu o norte do Iraque, com o apoio do partido democrático do

Curdistão.Você tem alguma coisa com isto? Ou sua preocupação vai pôr fim à guerra? Ou pense nela, se quiser, mas não fique obcecada. Seja como for, há coisas mais agradáveis de que se ocupar, ainda mais uma garota bonita como você. A que obsessão se refere? A todas?

- Quando não devo fechar os olhos à realidade?

- Quando ela lhe diz respeito. A guerra na América Central ou a invasão do Afeganistão pelas tropas soviéticas a afetam diretamente?

- Nunca sei a diferença.

- Se alguém bate à porta é melhor atender.

- Continuo sem saber se o que me preocupa me diz respeito ou não.

- O que a preocupa?

- Muitas coisas.

- Então está falando de modo geral.

- Não. De algo em particular.

- Do que se trata?

- Já toquei nesse assunto com você. Uma vez conheci uma pessoa. Sempre penso nela… e agora que vi esse filme piorou. Já lhe disse que Jorge Morcego me lembrava meu pai. Não sei por que.

- Quem é essa pessoa?

- Não sei.

- Qual a relação dela com Jorge Morcego?

- São parecidos.

- Não era o Hugo Tomás?

- É claro que não.

- Era um homem?

- Era.

- Ele e Jorge Morcego são parecidos. Jorge Morcego a fazia pensar em seu pai, embora eu não veja semelhança entre um e outro. Esse sujeito também lhe recorda seu pai?

- Sim.

- Mas e daí?

- Devo esquecer?

- Se começar a se preocupar com todo sujeito que se pareça com Jorge Morcego ou seu pai… ou com o Hugo Tomás. Se viesse a conhecer esse camarada de quem está falando logo começaria a se preocupar com outros que se parecessem com ele. Eu não entendo você. Aonde quer chegar? O que pensa que está fazendo?

Regina não respondeu e André insistiu.

- O que está procurando? Algum ideal amoroso? Acho que isto é a fixação que você tinha em seu pai. Tente racionalizar. Levei você para conhecer Hugo Tomás para que isto deixasse de ser um fantasma na sua cabeça. Seu pai está morto, Hugo Tomás é um ator de cinema e Jorge Morcego não existe, é um personagem de ficção. E não há nenhuma relação entre os três, nenhuma que eu possa ver. Se há, me escapa, a não ser pelo fato de um ter representado o outro no cinema, no caso dos dois últimos.

Regina manteve-se em silêncio.

- Fui com você procurar Natálio para que conhecesse pessoas do seu nível intelectual e não por sua fixação em Jorge Morcego. Ele é um diretor de cinema. Para que conhecesse pessoas sensíveis e inteligentes como você, que sentem angústia como você mas não reagem de forma neurótica como você.

Persistia o silêncio por parte de Regina.

- Pensei que isto fosse acabar em Jorge Morcego. Agora você já me vem com outro. Depois vai aparecer com mais um e em seguida com não sei quantos. É seu pai a quem você procura? Lamento a morte dele, mas é só o que podemos fazer, lamentar. Era um homem bom, eu o considerava um amigo e estou solidário com sua dor. E daí? Vou procurar um substituto para ele? Não tenho pais vivos. Faço novas amizades todos os dias e ninguém se parece com meus pais nem com os seus ou com quem quer que seja, vivo ou morto.

- Devo esquecer?

- Esse indivíduo de quem falou? Deve. Ele não é uma realidade.

- É uma realidade. Eu vi ele.

André suspirou.

- Esqueça-o.

- Não posso.

André suspirou de novo.

- Quem é ele?

- Já disse que não sei. Não me lembro quando vi ele nem onde.

- Você insiste? Vai continuar a pensar nele?

- Não depende de mim. Foi o que perguntei a você. Depois diz que não o ouço. Ele é uma das minhas obsessões. E eu te perguntei. O que faço com as minhas obsessões? É por isso que nunca chegamos a nenhum lugar.

André suspirou pela terceira vez. Estava ficando nervoso.

- Por que você pensa nele? Pelo fato de o ter achado parecido com seu pai?

- E com Jorge Morcego.

- Não sei quem é ele. Não posso apresentar ele a você.

Agora foi Regina quem suspirou.

- O que está pensando?

- Nele.

- Não perguntei em quem…

- Mas estou.

- Pensando o que a respeito dele? Não em procurar ele.

- E se estiver?

- Para quê?

- Para esquecer ele, talvez.

- Não esqueceu Jorge Morcego.

- Não conheci Jorge Morcego. Você me apresentou Hugo Tomás. E Hugo Tomás já esqueci há muito tempo.

- Não acha melhor procurar um rapaz de boa família e começar a sair com ele?

- Não.

- Você está sendo teimosa, Regina. Quase tenho vontade de te mandar procurar seu Jorge Morcego Segundo e que fique claro, não conte comigo.

- Estou contando.

- Você é louca.

- Por isto me trato.

- Meu trabalho é honesto. Não é loucura.

- Não vai me ajudar?

- A procurar esse cara?

- É.

- Não.

- Não volto mais aqui.

- Isto é chantagem.

- Pense o que quiser.

- Você está sendo infantil, Regina. Nunca vamos chegar a parte alguma enquanto insistir em ser criança, e só vai deixar de ser criança se começar a me ouvir. Não vou colaborar com essa ideia maluca, seria te prejudicar, não é para isto que vivo. Se quiser podemos conversar o dia inteiro sobre esse camarada. Até você esquecer. Tenho certeza que vai esquecer. Mas não ir procurá-lo. Desista.

- Um prejuízo a mais ou a menos a essa altura não faz a menor diferença para mim.

- Para mim, faz.

Ambos fizeram silêncio. E suspiraram juntos.

- Tem certeza que quer encontrar esse sujeito… para esquecer ele?

- Para que mais?

- Acho que posso te ajudar. Pelo menos vamos descobrir quem é ele. Quando se lembrar talvez desista de procurar por ele. Mas depois não me culpe, se for atrás dele e alguma coisa sair errada.

- Vai me ajudar?

- Vou te ajudar a descobrir quem era esse camarada para que o esqueça. Disse que não sabe quando nem onde o viu. Foi há muito tempo ou há pouco tempo?

- Acho que faz algum tempo.

- É uma resposta e tanto. Quantos anos?

- Se eu soubesse! Não um ou dois.

- Antes ou depois do seu pai morrer?

- Foi antes.

- Quantos anos antes da morte de seu pai? Muitos? Poucos anos?

- Talvez. Não me lembro direito.

- Talvez o quê?

- Hem?

- Um ou dois anos antes da morte de seu pai?

- É possível.

- Então temos quatro anos. Foi há mais ou menos quatro anos?

- Talvez mais. Do contrário eu não teria esquecido. Parece que o esqueci durante uns tempos. E Jorge Morcego me lembrou outra vez.

- Você nunca saiu de São Paulo. Deve ter sido aqui. Foi aqui?

- Deve ter sido.

- Não tem ideia de quantos anos tinha na época?

- Tenho a impressão de que era bem mais nova.

- Talvez tenha sido há mais de quatro anos, mais de cinco…

- Não sei.

- Vai lembrando desse período. Antes você não falava nele. Onde o conheceu? Como? Na rua? Na escola, no metrô… num bar? Dentro de uma casa?

- Não foi na rua.

- Dentro de uma casa?

- É bem provável.

- Casa ou apartamento?

- Isso eu não me lembro.
- Você não o associa… a elevadores?
- Não… não me lembro.
- Deve se lembrar de alguma coisa relacionada a ele. Outra pessoa?
- Por certo. Mas quem?
- Não lembra?
- Não.
- Você e ele não estavam a sós?
- Parece que não.
- Muita gente?
- Sou incapaz de te dizer.
- Não se lembra de ninguém em particular que se relacione com ele?
- Acho que não.
- Quantas vezes o viu?
- Só o vi uma vez.
- Está bem certa a esse respeito?
- Isso eu tenho certeza.
- Só o viu uma vez e não o esqueceu mais?
- Já disse que o esqueci, por algum tempo.
- Mas por uns tempos não esqueceu. E agora que lembrou de novo não esquece. Como explica isto? Só o viu uma vez.
- Reparei muito nele.
- Sabe que reparou mas não sabe em quem reparou. Naquele tempo você não conhecia Jorge Morcego.
- Mas conhecia meu pai.
- Não vejo relação entre Jorge Morcego e seu pai.
- Mas tem. Eu vejo.
- Temos que esclarecer por que você se preocupa com Jorge Morcego… e com ele. E vai parar de pensar em todos dois. Vai entender que é uma tolice.
- Eu não sou uma tola.
- Ele se parecia com seu pai?

- Eu achava.

- Foi por isso que reparou nele?

- Acho que foi.

- Descreva-o fisicamente.

- Só sei que era magro, tinha cabelo preto, a pele morena… a mesma coisa de Jorge Morcego.

- Continuo achando que nenhum dos dois tem nada a ver com seu pai. Tente se lembrar de alguém que você conhece… ou conheceu, com as mesmas características. Talvez tenha dissociado um do outro. Pode ser alguém que continua por perto e você não sabe que é o tal que está tentando lembrar. Ele pode estar mudado.

- Não me lembro de ninguém nessas condições.

- Portanto era um desconhecido. Um desconhecido a quem você viu uma vez, não tornou a ver, nunca soube quem era… e ele se tornou uma ideia fixa em sua cabeça e dura até hoje. É difícil entender. Estou tentando.

- Gostaria de voltar a vê-lo, é só isso. Para que esse assunto pare de me incomodar. Me senti melhor depois que conheci Hugo Tomás. Não era Jorge Morcego… mas já não penso tanto em Jorge Morcego.

- Pensa no outro.

- Jorge Morcego não existe, é uma fábula, uma ficção.

- O que você pensa desse sujeito a quem viu uma vez também deve ser uma fábula.

- Não sei se é.

- Talvez ele seja uma fábula. A casa era um cinema. Foi outro filme que você viu. Não?

- Não.

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Quer dizer que ele existe. Ou existiu. Talvez esteja morto.

- Não sei.

- Que idade ele tinha quando o conheceu?

- Era mais velho do que eu.

- Muito mais velho? Da idade do seu pai?

- Acho que não. Meu pai já tinha cabelo branco. Ele, não.

- Vamos supor que isto aconteceu há 10 anos. Você tinha 10 anos. Se ele tinha 40 e não morreu, hoje tem 50. Por que não o esquece?

- Talvez esqueça. Se me lembrar quem era.

- Pode esquecer antes. Se se lembrar dos motivos. Por que pensa nele?

- Acho que é porque se parecia com meu pai.

- Por que esse fanatismo por sujeitos que se parecem com seu pai?

- Isso eu não sei.

- Ou não quer dizer?

- O que está pensando?

- Nada. Ele era rico?

- Como vou saber?

- Em que tipo de lugar o conheceu? Talvez na casa de algum parente… De amigos de sua família?

- Acho que estou me lembrando. O lugar era rico… mas ele era pobre. Por isso reparei nele. Era um cara pobre num lugar rico. Mal vestido.

- Pensei que fosse por se parecer com seu pai.

- As duas coisas.

- O lugar rico era uma casa?

- Era.

- Luxuosa?

- Não como a minha. Mas não era pobre.

- Era uma residência?

- Era. Agora tenho certeza.

- Não se lembra dos lugares que frequentava… ou há cinco anos ou há dez… na casa de quem você ia? De parentes ou amigos da família… não recorda?

- Nada disso eu lembro.

- Você não era de ir a muitos lugares.

- Mesmo assim não me lembro.

- Havia mais gente por perto. Quem eram essas pessoas?

- Não recordo.

- Que tipo de gente? Homens, mulheres… crianças? Jovens?

- Acho que me lembro. Havia um casal… eram dois casais. Havia duas garotas… ou três.

- Com quem ele estava? Era a parte masculina de um dos casais?

- Não. Ele estava sozinho. Mas com um casal…

- Não eram dois casais?

- Eram dois casais. Mas tinha um casal e ele.

- Como assim? Você viu um grupo de três pessoas… um casal e ele. É isso? Num lugar onde havia mais gente… e esse grupo de três pessoas. Foi assim?

- Acho que foi.

- Tente recordar quem eram essas pessoas.

- Não consigo.

- Pense em pessoas, pessoas que você conhece, e tente associá-las a ele.

- Não adianta.

- Se lembra do lugar? Foi a esse lugar de metrô, de carro… tem certeza que não foi na sua casa?

- Não foi na minha casa e não me lembro se fui de carro ou de metrô ou como fui. Sei que não foi na minha casa.

- Era um edifício?

- Quem dera que eu pudesse me lembrar.

- Tente recordar algum fato associado a ele… ou a esse dia… ou a essa gente… tente relacionar pessoas e fatos… e lugares, se possível.

- Acho que estou me lembrando… Eu estou me lembrando! - exclamou Regina, sob forte excitação.

- Do que se lembra?

- De um fato.

- Que fato?

- A Copa do Mundo!

- Futebol? Onde? Quando? Qual Copa do Mundo? De que ano? Em que país foi?

- A televisão estava ligada…

- Não se lembra de tudo? Ainda não sabe o que aconteceu?

- A televisão estava ligada e passava um jogo da Copa do Mundo. O Brasil estava jogando.

- E essas pessoas assistiam o jogo. Qual Copa do Mundo? Onde foi? Na Espanha? Na Argentina? Alemanha? A da Espanha não pode ter sido. A da Argentina foi em 78. Da Alemanha, em 74. Lembra agora? A de 70, no México, foi há 14 anos… e que saudade.

- Foi a da Argentina, agora me lembro… em 78, não foi? Há 6 anos. Eu tinha 14.

- Descobriu alguma coisa? Chegamos a algum lugar? Continue forçando a memória.

- Já me voltam as lembranças. Ela tinha 20 anos.

- Quem? Quem tinha 20 anos?

- Minha amiga.

- Nunca soube que você tivesse amigas.

- Foi uma amizade que não prosperou e por isto me esqueci de tudo. Tentei ser amiga dela. Ela foi na minha casa algumas vezes e eu fui na dela. Ela estudava Psicologia. E eu pensava que fosse alguém com quem pudesse conversar.

- Não era?

- Creio que não. Tanto que nos separamos e nunca mais a vi.

- E o tal sujeito?

- Estava lá, uma vez que fui na casa dela. No dia do jogo. Foi na casa dela que isto aconteceu.

- O que aconteceu? O que ele era da sua amiga? Você foi apresentada a ele?

- Não.

- Como se chamava sua amiga?

- Olga. Ninguém falava dele. Ele estava lá… só. Só isso. Por isso eu reparei nele.

- Motivos não lhe faltaram para reparar nele. Ele era bonito, você se apaixonou por ele?

- Isto não aconteceu.

- Não era um cara simpático? Bonitão, boa-pinta? Olga sabia quem ele era?

- Devia saber, se estava na casa dela.

- Por isso, não. Podia estar na casa dela sem que ela soubesse quem era. Talvez não soubesse. Tente me explicar direito por que reparou nele e por que pensou nele todo esse tempo. O que havia entre ele e o casal… o grupo de três, você falou… lembra?

- Essas três pessoas eram Olga, o namorado dela e ele.

- Como era o nome dele? Veio à tona?

- Acho que eu nunca soube o nome dele. Não me lembro, agora…

- Continue.

- O namorado da Olga chegou e Olga e ele se sentaram no sofá e ficaram vendo o jogo. Ele também estava sentado no sofá, do lado da Olga… mas não via o jogo.

- O que ele fazia?

- Espera. O outro casal eram os pais dela, da minha amiga, a Olga. E havia, sim, três moças. Uma era Olga, a outra era eu e a terceira, uma amiga da Olga que não lembro o nome, mas conhecia. Ficamos ela e eu conversando… enquanto a Olga ia fazer sala para o namorado. Depois eu fui embora.

- E o tal sujeito?

- Ficou.

- Ele não tinha nada com a amiga da Olga?

- Não.

- Ele chamou sua atenção por se parecer com seu pai, por ser pobre e se encontrar entre os ricos e também pelo fato de ninguém o mencionar nem explicar sua presença. Correto?

- Creio que sim.

- Mais alguma coisa? O que ele fazia que não via o jogo? Não gostava de futebol? Ou não era brasileiro?

- Me demorei na casa de Olga aquele dia. Se não me engano, a duração do jogo. Durante todo o tempo… ele olhava para Olga. O tempo todo. Ela vendo televisão, sentada com o namorado… e ele olhando para ela. Olga não olhava para ele, olhava para a televisão, ou para o namorado… e ele não tirava os olhos dela, o tempo inteiro. Por certo pensou que ninguém notava. Eu notei.

- Ele de olho na Olga e você de olho nele. Como o descobriu?

- Tudo eu observo.

- Ninguém mais teria notado, notado nada, só você mesma. Achou estranho que ele olhasse tanto para sua amiga?

- Achei.

- Ela era bonita?

- Muito. Tinha cabelos pretos e olhos azuis, só vendo.

- Isso é extraordinário.

- Tinha a pele muito clara… era linda.

- É possível que fosse mais bonita do que você?

- Acho que ela era mais bonita do que eu.

- Para mim isto é impossível. Esse sujeito não viu você? Eu no lugar dele olhava para você e não para sua amiga Olga, fosse ela quem fosse.

- Ele não me viu. Mesmo que me visse… o problema dele era a Olga. Era uma sala com dois ambientes e eu estava no outro ambiente, com a outra garota. Talvez ele tenha me visto em algum momento, quando passei perto da televisão…

- Se ele não olhava para a televisão…

- Não sei.

- Ele gostava da sua amiga Olga?

- É um bom palpite.

- Mas ela não tinha namorado?

- Tinha.

- E você, não.

- Que significa isto?

- Você cismou com ele. Viu as coisas por este ângulo?

- Que ângulo?

- Ele encantado com sua amiga, que tinha namorado e não dava confiança a ele… e não viu você, que não tinha namorado e reparava nele.

- Não é bem isto.

- O que é, então? Ele não era um rapaz a quem você quisesse namorar? Talvez não fosse muito mais velho do que você. Lembra agora a idade dele?

- Eu tinha 14 anos. Ele era um homem adulto.

- Bem, bem…

- O quê?

- Ainda não entendi nada.

- Pensa que eu entendo?

- Se eu pudesse imaginar que você pensava coisas a respeito dele… mas você não pensa essas coisas.

- Que coisas?

- O que todo mundo pensa.

- Não entendo.

- Não precisa. Levantamos a lebre. E agora? Vamos entender direito por que você pensa nele? Ou já dá para começar a esquecer?

- Acho que sei o que vou fazer.

- O quê? O que você vai fazer?

- Obrigada por ter me ajudado. Não sabe como ajudou… e eu não sei como agradecer. Sem você nunca teria lembrado. Você é bom nisso… essas caçadas.

- Obrigado, pela parte que me toca. Me alegra, que reconheça minhas qualidades. Faça isto mais vezes. Quanto a esse camarada…

- Vou procurar minha amiga e perguntar por ele. Ela deve saber.

- Insiste em ir por esse caminho?

- Há outro?

- Talvez ela não soubesse quem ele era, já que não lhe falou dele. Talvez ele só estivesse lá de passagem. Talvez ele fosse passageiro…

- O quê?

- Você disse que ele estava mal vestido. Podia ser o encanador ou técnico de televisão e ficou para ver o jogo.

- Ele *não viu* o jogo.

- Para que vai procurá-lo?

- Você já perguntou… e eu já respondi. De todas as vezes que perguntou… eu respondi. Perguntou de novo… e vou responder mais uma vez. Espero que seja a última. Justamente para não pensar mais nele, para esquecê-lo.

- Tem certeza?

- Tenho.

- Jura?

- Juro.

- Pois no meu entender a razão é outra. É possível que você goste dele… eu não sei, acho isso loucura. Se você gostasse de um sujeito que valesse a pena… seria ótimo, mas só pensa nesses caras fora do comum… malucos, marginais… e eu sei lá o que mais.

- Não parece muito satisfeito.

- E posso? Ficaria feliz em colaborar se ele não fosse o encanador… Acha que seria feliz?

- Não sei qual a profissão dele. E você tornou a repetir a pergunta, de maneira diferente. Também vou responder de outra maneira. Não vou ser feliz… nunca. Nem de um jeito nem de outro. Satisfeito, agora?

- Não vejo a importância desse camarada. Pelo que você disse ele pode bem ter 50, a essa altura, se não morreu. O que quer com ele?

- Agora fez a pergunta da mesma maneira. E não vou responder mais.

- Vai procurar ele?

- Vou.

- Pode se meter numa embrulhada. Sabe disso? Não sabe quem ele é. Pode ser tudo. O pior.

Regina não deu resposta e André não insistiu. Conhecia Regina. Se punha na cabeça algo ninguém a fazia mudar de ideia.

* *

Capítulo 2

Havia uma casa, com paredes brancas e antigas telhas-canal, rodeada de coqueiros e ancestrais e frondosas mangueiras, na parte mais alta de um plano inclinado à qual se chegava por uma estrada que subia por este plano inclinado por entre as árvores. A certa altura, da estrada se via a casa. Nas noites de luar, a fachada branca se destacava em meio à escuridão, e em volta o luar prateava as folhas dos coqueiros.

O chão era coberto de folhas secas. O lugar era um vale, cercado de morros por todos os lados e, quando ventava, o vento rodopiava no interior do vale como se não encontrasse saída. Sacudia os galhos de árvores, envergando as mais altas, uivava e assobiava. O lugar era conhecido como "Vale da Ventania".

E era habitado. Seu único habitante era quem chegava às noites e contemplava a alvura da casa emergindo de forma espectral do vale de sombras.

Era um lugar isolado. No meio da noite, o morador solitário da velha casa abria a janela de seu quarto, na parte da frente e via o mundo ali fora. Se ventava, dois velhos eucaliptos, à esquerda da casa, tombados sobre ela, inclinavam tanto que os galhos finos das pontas varriam o telhado. Da janela, ele via o céu

estrelado. Em baixo das mangueiras, o negrume era total. E não via mais nada.

Quando o disco chegou, uma noite, em que tendo perdido o sono, o que era comum, se postou à janela, ele de alguma forma o havia imaginado, anteriormente, e previu seu pouso no lugar exato onde isto se deu, uma clareira entre as mangueiras a pouca distância na frente da casa, ao lado do caminho. Não havia outro.

A princípio, ao ver os riscos no céu - eram traços de luz -, pensou em estrelas cadentes, mas eram muitas, que iam e vinham, e só após o pouso da nave entendeu. Pensou também em uma invasão da Terra por parte de seres de outro planeta, mas era uma só nave, que se deslocava no espaço, de um lado para outro, a uma velocidade fantástica. Eles estavam procurando.

Os deslocamentos no espaço, quando a nave se aproximou, produziam silvos agudos, mas de difícil percepção. No mais, a nave era silenciosa. Uma vez tendo localizado o alvo, a estranha aparição pairou como uma pluma no ar acima das mangueiras, desceu mansamente e pousou com suavidade sobre as folhas secas. O terráqueo notou que ainda emitia sons intermitentes, também de detecção não muito fácil, mas talvez fossem os ecos dos silvos anteriores. Eram sons que ele nunca ouviu antes. E um pouco de vento, que espalhou folhas secas.

A nave era um disco perfeito, com uma bolha no centro, de tonalidade cinza-prateado. Nas bordas externas e ao redor da bolha piscavam luzes. Estas luzes eram de intensidade reduzida e persistia a escuridão em volta. A nave era visível em parte devido a essas luzes e também porque sobre ela incidiam os raios de luar. Era uma visão tão fantasmagórica quanto a casa branca e o diâmetro de uma correspondia ao comprimento da outra, cerca de 15 metros.

Uma nave espacial pousou em seu terreiro e desafiava a razão do terráqueo. Ela estava ali e ele a via. Que mais podia fazer?

À janela, ao perceber o que ocorria, arrepiou-se da cabeça aos pés. Não que acreditasse em discos-voadores, apenas imaginou-os, anteriormente, em suas noites de insônia. Agora, via um no quintal de sua casa e o que podia fazer?

Eletrizado, permaneceu à janela, aguardando os acontecimentos. Depois do arrepio, que o sacudiu de alto abaixo, uma onda de frio gelado invadiu seu corpo, percorreu-o todo e ocupou-o por inteiro. Sentiu pontadas na base da coluna. Suas pernas ficaram bambas e a fraqueza o dominou. A sensação de fraqueza era integral, estava em toda parte, nos músculos e nos ossos e ele se apoiou no parapeito da janela para não cair. Seu esqueleto como que se transformou em ramos delgados como os das pontas dos eucaliptos, sua carne era pouco mais do que um mingau e ele se encontrava parcialmente congelado.

Contudo permaneceu à janela, de olhos abertos, em parte por ter-se tornado incapaz de fazer movimentos - parecia que não seria capaz de cerrar as pálpebras, se quisesse. Por outro lado, se dependesse dele, não perderia o espetáculo. Talvez pagasse com a vida, e seria difícil tomar a decisão. Ver ou não ver? Que outro homem no mundo viu seres de outro planeta? No entanto, que adiantava ver se ia morrer?

Se o sangue ainda corria em suas veias, foi resfriado a um grau baixíssimo, a ponto de congelar. A tremedeira passou e o deixou petrificado, como um bloco de gelo. Seus músculos não lhe obedeciam, não conseguia mover-se e o cérebro recusava-se a funcionar. Porém seus olhos ainda enxergavam, ele via a nave entre as mangueiras e tinha consciência dela. Sua consciência debilitada era um grão de areia, de tamanho ínfimo, distante, uma bagatela encerrada no fundo daquele bloco de gelo, lutando contra a dissolução e tentando pensar. Talvez não fosse uma nave extraterrena, afinal. Por que não poderia ter sido construída na Terra?

Alguma coisa aconteceu. Uma porta se abriu e então, sim, jorrou luz do interior da nave. Formou-se um retângulo luminoso na bolha central e a claridade verteu sobre o chão

juncado de folhas secas. O terráqueo, à janela de sua ordinária habitação, transformado pelo pavor em uma coisa vil, insignificante, preparou-se para o pior. Que seres nunca imaginados estavam prestes a desembarcar? Como eram? Pois ele ainda queria ver, manteve os olhos abertos e não parou de olhar.

De fato, avistou uma escada. Não esteve ali antes, mas agora estava. E vultos começaram a sair pelo retângulo luminoso. Iniciou-se o desembarque. Seres espaciais iam pisar o solo da Terra, se não o haviam feito antes.

Ao todo, desceram quatro vultos. Achavam-se agora reunidos ao pé da escada, pisando as folhas secas. Pareciam deliberar sobre o próximo passo a dar. Quanto à aparência deles… sem sombra de dúvida, eram homens, eram seres humanos, ou tinham esta forma.

O ser vivo comprovadamente humano presente no local, o terráqueo habitante do lugar, hesitou. Os recém-chegados tanto podiam ser humanos quanto alienígenas sob disfarce. E não soube qual seria pior. Na melhor das hipóteses, se não fossem extraterrestres, talvez se sentisse decepcionado, porém certo talvez fosse amedrontar-se ainda mais.

Os alienígenas, se o eram, decidiram-se e, em grupo, marcharam pelo terreno. Pisavam as folhas secas e iam em direção à casa. O terráqueo à janela, ao perdê-los de vista, sentiu o sangue voltar a circular em suas veias. Reaqueceu-se, o calor retornou, conquanto ainda se sentisse fraco como uma criança. Com movimentos débeis, incertos, recuou, conseguiu fechar a janela e cambaleou para trás.

Não havia luz acesa no interior da casa e ele caiu de joelhos no centro do aposento. Caiu por não poder manter-se de pé, faltaram-lhe as forças. Ali ficou, agora sobre os quatro membros, como um animal. As trevas o rodeavam, em torno da escuridão erguiam-se as paredes da casa e sobre sua cabeça havia um teto. Sua casa, em cujo interior ele se encontrava, era uma concha que o separava do mundo exterior. No exterior havia uma nave talvez vinda de outro planeta e seres que ele não conhecia se

aproximavam da casa. Se quisessem invadi-la, não teriam dificuldade, e por certo que o fariam.

Havia uma realidade a enfrentar e ele lutou para recuperar o domínio de si mesmo. Conseguiu pôr-se de pé e encheu de ar os pulmões, movimentando pernas e braços. Lutou contra a fraqueza, contra o medo, lutou contra tudo e, gradativamente, recuperou-se. Tinha que se pôr à altura das circunstâncias e, tanto quanto o permitiam suas minguadas forças, foi o que fez. Arrastou-se através dos cômodos da casa, tão familiar que se orientava no escuro como se luz houvesse, movendo-se rumo à cozinha, uma vez que os vultos tinham ido nesta direção. O caminho terminava na porta da cozinha.

Eles não estavam invadindo a casa. Pelo contrário, batiam na porta.

Tudo tão estranho e ao mesmo tempo habitual. Tinham desembarcado da nave como se tivessem chegado de automóvel e agora batiam à porta como se fossem visita que o morador costumava receber.

Isto era falso, ele não recebia visitas. Parado no meio da cozinha o dono da casa olhava para a porta à qual batiam. Réstias de luar entravam pelos buracos no telhado e ele enxergava a porta.

Acendeu uma luz. Um lampião a querosene. Deixou-o em cima da mesa e continuou de olhar fixo na porta. Do outro lado, eles estavam. Quem eram? Que queriam?

O dono da casa pôs-se em movimento, a essa altura bastante senhor dos seus atos. Fosse o que fosse, estava preparado para tudo. Levando o lampião, deu alguns passos em direção à porta e abriu-a para receber seus visitantes. Talvez fossem de paz. Poderiam ter posto a casa abaixo e ela ainda estava de pé.

Da soleira da porta, com o lampião suspenso, por uma alça, o terráqueo contemplou o grupo. Havia dois degraus e eles se achavam em plano inferior. Vendo-os de perto, ninguém poderia duvidar de que fossem seres humanos. Vestiam macacões colantes de cor clara, talvez prateado, como a nave e calçavam botas pretas.

Três deles eram homens e o quarto componente do grupo era visivelmente uma mulher, por sinal bonita. O terráqueo observou suas formas femininas, sua cintura fina, o volume dos quadris e do busto e seus cabelos compridos. Não se cobriam com bonés ou capacetes nem nada no estilo, não estavam armados e não pareciam agressivos.

Eram seres humanos, cogitou o morador da casa, eram homens como ele, sendo que havia uma mulher no grupo. Estranho. No entanto, se fossem de outro planeta, também seria estranho. Não sabia se seres extraterrestres se disfarçavam de cordeiros para atacar, mas os da Terra faziam isso e ele ficou em guarda, não se deixaria iludir pela aparência inofensiva deles.

O homem contemplava o grupo, os componentes do grupo olhavam para ele. Eles se estudavam. O homem com o lampião suspenso, na soleira da porta, olhando desconfiado para eles… eles, parecendo hesitantes, como se não soubessem o que faziam ali.

Com o rosto tombado, uma forma suspicaz e avaliadora de olhar, o dono da casa inquiriu:

- Quem são vocês?

Eles se consultaram entre si com o olhar. O que estava à direita do dono da casa respondeu, sorridente, como se dissesse uma piada:

- Um, Dois, Três… Quatro. - E apontou sucessivamente para si próprio, os outros dois homens e a mulher. Quatro era a mulher. Portanto, eles tinham nomes.

Dois, que parecia meio abobado, indagou:

- E você?

O dono da casa olhou para ele.

- Cinco - respondeu com cinismo, olhando fixamente para a cara tola de Dois.

Um, Dois, Três e Quatro sorriram. Sempre se consultavam com o olhar e mostravam-se sorridentes.

O dono da casa voltou a olhar de banda para eles.

- De onde vocês são?

Mais troca de olhares e hesitação por parte do grupo. O dono da casa estava intrigado. Tinha a impressão de assistir a uma peça teatral em que os atores não haviam decorado direito a parte de cada um. Um, uma espécie de porta-voz do grupo, respondeu:

- Não somos daqui.

E afivelou o sorriso. A voz dele era amigável e todo o grupo irradiava afabilidade. Notava-se o desejo de agradar. O terráqueo ainda não tinha ouvido a voz de Três e a de Quatro.

- Daqui...?

- Da Terra.

Não eram da Terra. Um interrompeu o sorriso para dar a informação. Os outros três mantinham-se em dia com seus sorrisos.

- Não têm outra coisa para dizer?

O terráqueo falou sério, mas o grupo de quatro continuou sorridente, como se tudo que se dissesse ali fosse motivo de riso.

Tanta hilaridade mereceu um estudo mais acurado por parte do terráqueo. Era um riso artificial. Talvez fosse verdade, não eram da Terra. Em seu lugar de origem, foram programados para sorrir para o pessoal da Terra, por cordialidade, porém não sabiam quando o riso tinha cabimento - como apresentadoras de notícias da televisão - e riam a todo instante, não que vissem motivo. Eles não achavam graça, o dono da casa também não e ninguém estava contando piadas.

Eles falavam sério e riam por dever do ofício. O terráqueo não ria por não ser do seu feitio, mas a situação talvez fosse cômica.

O grupo permaneceu em silêncio. Todos agora se limitavam a sorrir. Pareciam um bando de colegiais enfeitados enfrentando a inspetora.

- Quero saber de onde vocês vêm - insistiu o terráqueo.

- De outro planeta.

- Eles não falam?

De súbito, todos pararam de sorrir. Um olhou para seus companheiros.

- Falamos - respondeu Três.

Pronto. Ouviu a voz de Um, de Dois e de Três. Eram iguais. Mesma entonação e mesmo timbre.

- E ela?

Quatro sorriu.

- Como vai?

- Diz alguma coisa. Quero ouvir você falar.

- Não tenha medo de nós. Não vamos lhe fazer mal - disse Quatro.

Sua voz era mais aguda do que a dos homens. Voz feminina, que soava bem. O terráqueo encarou Um.

- Fala você.

- Estamos em missão de paz - disse Um, com ar grave.

Os desajustes tinham sido superados. Com a prática, pararam de rir como bonecos desconjuntados.

- Vocês não são da Terra, são de outro planeta. Que planeta?

- Discutir isto não vai levar a nada. É um outro mundo, distante.

- Não sei se acredito. Vocês podem provar?

O grupo ficou em silêncio. Trocavam olhares.

- Tenho visto discos como o de vocês construídos na Terra - afirmou o terráqueo -. O de vocês se construiu aqui mesmo na Terra. Vocês não são de outro planeta, embora eu não entenda. O que querem? O que fazem aqui? Por que vieram? Que querem comigo?

Mais troca de olhares.

- Queremos conversar - disse Um.

- Muito bem. Conversem.

- Queremos que vá à nave conosco.

- Continuem querendo.

"Pensam que eu sou idiota", disse a si mesmo o terráqueo.

- O que disse?

- Não sei quem vocês são ou o que querem. Sejam ou não desse planeta, não vão me tirar daqui. Se vão me matar, quero morrer em baixo dessas mangueiras, outro lugar não serve.

- Por que não quer ir à nave? Do que tem medo?

- Ninguém vai tirar sua vida - assegurou Quatro -. Não vamos lhe fazer mal.

- Não estamos pensando em levá-lo a parte alguma, se não quiser ir - reiterou Um -. Só queremos que vá à nave conosco. Como convidado.

- Por que querem que eu vá à nave?

- Porque queremos conversar com você.

- Conversem aqui.

O grupo demonstrava excessiva hesitação. Quatro deu dois passos à frente.

- Ouça - disse -. Nós não podemos conversar. Essa conversa tem que ser na nave.

- Quem está lá?

Quatro olhou em direção à nave.

- Ninguém - respondeu.

De onde estava, o terráqueo não via a nave. Apenas imaginava o retângulo de luz na bolha. O que havia no interior?

- Por que eu tenho que ir?

Quatro achou uma saída.

- Temos instruções limitadas, é isso - disse -. Na nave, você vai saber. Saberá o que quiser. Se nos fizer muitas perguntas, não saberemos responder. Entende agora?

- Se não há ninguém na nave… quem vai responder perguntas?

- Pretende fazer muitas perguntas? - quis saber Um.

- Podemos dizer que sim.

Um e Quatro, os mais desembaraçados do quarteto, trocaram um olhar de entendimento.

- Podemos dizer que é Seis - declarou Um.

Seis estava na nave. Quem era Seis, ou o quê? Ele foi efetivado como Cinco. Como Seis podia estar na nave se não havia ninguém na nave?

- Entendi que na nave não havia ninguém.

- Seis não é ninguém - disse Três.

- Ele quis dizer que Seis não é alguém - disse Dois.

Cinco irritou-se com a confusão de Dois e Três. Mais uma vez foi Quatro quem salvou a situação.

- Seis são as instruções.

Cinco ponderou o assunto. Era possível entender.

- Quero garantias de que não vou ser sequestrado. Do contrário não vou. Não sei se vão me pôr a bordo daquela nave e me levar para algum lugar. E não quero ir. Faço questão de ficar aqui.

Um voltou a tomar a palavra e o fez com energia, mostrando-se veemente e incisivo.

- Você está com medo - asseverou Um -. Sem motivo. Se quisermos lhe fazer o mal não precisamos levá-lo à nave. Ou seu medo é tanto que não entende?

- Calma, Um - pediu Quatro.

Um se excedeu, tornou-se exaltado. Mas disse uma verdade, com muita lógica, reconheceu Cinco.

- Venha conosco até a nave - convidou Quatro, femininamente persuasiva -. Por favor.

- Pois eu não vou. O que vão fazer? Me levar à força?

- Vamos perder tempo aqui tentando convencer você - respondeu Um, revelando bom senso -. Se nada der resultado, teremos que voltar à nave para novas instruções. Por que não vai? O que tem a perder?

Seis devia ser uma unidade de comunicação, conjeturou Cinco. Talvez alguém decidisse que ele teria de ir à força, apesar da amabilidade do grupo. Amavelmente, segurariam seus braços e o levariam. E depois?

Tinha vontade de ir. Gostaria de conhecer o interior da nave. E Um tinha carradas de razão, a qualquer momento que decidissem usar a força ele não poderia se defender. Eram quatro contra um sem contar que não sabia o que ou quem eles eram.

Seria melhor aceitar o convite, mesmo sem saber o que pensar, se seus visitantes eram seres de outro planeta ou homens como ele com intenções inconfessáveis. De um modo ou outro, o interior da nave devia ser prodigioso.

- Vou com vocês - decidiu.

Quatro mostrou-se satisfeita e sorriu. Um disse:

- Ótimo.

Dois e Três faziam coro ao contentamento de Quatro.

Cinco deixou o lampião aceso na soleira da porta e juntou-se ao grupo. Quatro pôs-se a seu lado.

- Podemos ir - disse.

Quatro não sorria mais. Ela e Cinco puseram-se em movimento, lado a lado, pisando as folhas secas. Um, Dois e Três seguiram atrás.

Era um curto passeio, até a nave.

* *

Capítulo 3

Algo de novo sob o sol seria sua capacidade atual de se transformar em mulher de ação, quando lhe convinha. Era uma pena que não estivesse sob o sol há mais tempo.

Mas não sabia o que fazer. Talvez tivesse ido longe demais e fosse conveniente parar. Estava imersa em dúvidas.

Ele não era uma pessoa sensata. E como ela própria não o era e se via rodeada de insensatez, por parte de seu irmão e

tantos outros, se estivesse pensando de fato em procurar por ele só estaria dando provas de sua insensatez.

E era a favor da sensatez. Aparentemente, a atitude sensata seria voltar para o divã do analista. No entanto tinha suas razões para não voltar.

Além disso, Olga o chamou de pobre de espírito, era uma opinião, se Olga acreditava no que dizia, e uma opinião valia tanto quanto outra, a sua própria era que o juízo pessoal de Olga sobre outras pessoas não se devia levar muito a sério. Se fosse verdade, pobreza de espírito era pior do que miséria material e uma pessoa pobre de espírito era vazia, a menos que fosse cheia de si, mas mesmo sem saber o que pensar não se deixaria influenciar pela opinião de Olga.

E o problema da idade. Se não estivesse com preconceitos contra a idade, talvez ele fosse muito mais velho do que ela imaginava.

Se tudo isso correspondesse à realidade e ele fosse mesmo um insensato, fosse pobre de espírito e muito mais velho do que ela imaginava e ainda assim estivesse pensando em procurar por ele, parecia não haver nada a fazer a não ser esquecer as razões que a haviam levado a se afastar de seu analista. Mas não sabia como ele era na realidade ou se pensava efetivamente em procurar por ele.

A dificuldade com seu analista era que se cansou de ficar repisando em vão assuntos já mais do que remoídos, os mesmos problemas sem solução e de ouvir conselhos inúteis. E cansou-se acima de tudo de saber que ele estava apaixonado por ela.

Reconhecia que ele queria o seu bem e sentia-se grata a ele por isto, e entendeu o que ele quis dizer, que o pobre sujeito talvez fosse perigoso - muito simpático da parte dele esta preocupação por ela, mas se não a entendia era tudo inútil.

Ele a ajudou a pensar e a entender muitas coisas que sem ele ainda não teria entendido, e devia a ele sua capacidade

atual de tomar certas iniciativas. Sentiu nele a solidariedade e sua solidão como que recuou, e a solidão era terrível…

Não sabia definir a solidão. Tornava uma pessoa miserável. Era exaustiva, minava suas forças, tinha as forças de um recém-nascido e o desespero de um hospício. Oprimia-a, como se estivesse em baixo da terra - o material mais pesado que existia no mundo. E a fazia sentir-se esquisita, estranha, como se lhe tivessem tirado a pele - ou trocado por outra.

Esta solidão, embora tivesse recuado, na realidade não se afastou muito e sim manteve-se todo o tempo à espreita, rondando-a e de novo fechou o cerco, mais uma vez a montanha desabou sobre ela. Não deixou verdadeiramente de ser só ou sentir-se só e, sim, unicamente, em determinados momentos teve a ilusão de não estar só.

Sendo assim, de que adiantava?

Gostaria de continuar a ser amiga dele, pois a qualquer momento poderia precisar de novo, e precisava agora… mas não tinha jeito. Talvez não suportasse e nem assim voltaria, a menos que todos fossem com ela.

Por que não gostavam dele? Por que Olga não gostava? Não queria pensar nele.

Bom seria se pudesse procurá-lo - não ele; o analista - não como cliente e sim como amiga, se fosse possível gostaria, talvez o relacionamento mudasse e ele pudesse ser mais útil. Ele teria que esquecer sua paixão, isto era ponto pacífico. Que ideia a dele, se apaixonar. E logo por ela.

O outro também devia ter uma paixão, pela Olga. Nutriam-se paixões por toda parte, de minuto a minuto uma nova paixão, em qualquer lugar do mundo… nascendo. Não sabia por que estas coisas aconteciam. Ou por que não aconteciam com ela. Talvez fosse alguma coisa, a paixão. Que seria?

Nada que valesse a pena. Ao contrário, a ideia de viajar estava parecendo ser boa e era nisto que devia concentrar-se. Precisava espairecer, respirar ares mais puros e ventilar a mente e

tonificar o espírito. Ter novas ideias e descortinar um horizonte novo.

Os lugares não eram os mesmos. Em algum lugar diferente encontraria pessoas desconhecidas e tudo podia acontecer, inclusive conhecer gente interessante, que tivesse algum valor, pois era impossível que ninguém tivesse importância, alguém teria que ter importância para ela e um dia descobriria o que fazer de sua vida.

Em um momento de exaltação do espírito, brincou até mesmo com a ideia de se apaixonar. Se tudo podia acontecer… podia acontecer isto, também.

Viveu em São Paulo desde que nasceu e nunca se acostumou, São Paulo não tinha a menor importância para ela, não havia nada de bom nesta cidade para ela, coisas ruins, sim, havia muitas. Não conseguia mais entrar em sua própria casa e seus parentes para ela não existiam, e sendo assim não tinha família. Estava sozinha, sem lar e sem família e sem cidade natal.

Desde que tivesse coragem, o mais não era imprescindível.

Tomou a decisão, ia viajar. E esquecer tudo, se libertar, de tudo, desse passado. Na realidade, nada a prendia a nada nem a ninguém, só o que existia eram suas recordações e só por isto não era livre. Teria que esquecer.

Esqueceria. Seria inteiramente livre. E se libertaria por si mesma, sem recorrer a ninguém, nem a analistas.

Para onde ir era secundário, antes de mais nada teria que se pôr a caminho, e assim que estivesse em movimento, sentisse que estava desenferrujando, mudando de pele como as cobras - este o grande problema, como mudar sem se descaracterizar, se tornar estranha? Então decidiria para onde ir ou o que fazer.

Dinheiro não era problema, era o que mais havia, sobrava. Estaria bem, se dinheiro resolvesse alguma coisa.

Ultimou os preparativos. Fez suas malas, juntou dinheiro - dinheiro vivo e cheques de viagem - e avisou que ia

viajar. Precisava de um carro e do motorista. Não interessava para onde ela ia, quanto tempo passaria fora ou se um dia ia voltar.

Não sabia. Estava dizendo adeus.

* *

Capítulo 4

Construir impérios lembrava um pouco a construção de pirâmides - uma legião de homens empilhando blocos de pedra ao longo dos anos -, com a diferença que as pirâmides eram mais estáveis.

Alfredo Kahina construiu um pequeno império industrial e financeiro, tendo deixado ao morrer um patrimônio avaliado em cerca de 20 milhões de dólares. Sua longínqua ascendência árabe ele poderia até esquecer, se tivesse um número em lugar do nome e certas características raciais como o tisnado de sua pele, o nariz adunco e outras particularidades não perdurassem através das gerações. O islamismo pouco ou nada significava para ele e não sabia ao certo qual sua crença, se alguma. Conhecia o poder do dinheiro. Nesse terreno procurava não escorregar.

Do bisavô nada sabia exceto que nasceu no Egito, veio para o Brasil no final do século passado e aqui enriqueceu. Seu avô foi um abastado comerciante e seu pai começou o negócio de cimento. Nos prósperos anos 70, Alfredo Kahina ampliou os negócios, acumulou capital e aplicou-o em novos e bem-sucedidos empreendimentos. Nos anos 80, sua posição era sólida e a recessão que afetava todo o país não o abalou profundamente. Teve percalços, com fechamento de empresas e queda de faturamento, mas isto era compensado com a especulação no mercado financeiro. Além da indústria de cimento, possuía ações de um bom número de grandes empresas e era acionista majoritário em no

mínimo três ou quatro empresas de médio porte, sem contar negócios menores.

Com a morte de Alfredo Kahina, e apesar dos prejuízos causados por um sócio desonesto, os negócios passaram a ser geridos por seus irmãos, a viúva, a filha mais velha e o genro, que já ocupavam postos-chaves na administração das diversas empresas antes da tragédia e o padrão de vida da família não se alterou substancialmente.

A mulher de Kahina deu à luz três filhos, que o pai fez batizar com nomes arrogantes. A mais velha se chamava Magda, o do meio e único varão, Henrique e a caçula, Regina. Dos três, só a mais velha correspondeu à expectativa. Magda era dinâmica e empreendedora como o pai e com seu trabalho contribuiu em larga medida para o êxito dos negócios da família. Seu marido, engenheiro de profissão, secundava-a com eficiência.

O filho homem foi um desgosto na vida de Alfredo, uma desilusão. Quando o pai morreu, Henrique tinha 22 anos e não era um homem sério, talvez se aborrecesse até se lhe dissessem que ele era um homem. Fazia parte da geração mais nova de "Últimos Sorridentes dos Dias que Faltam", da qual era expoente, um digno representante dela, merecia uma comenda. Ele mesmo não sabia se ainda podia se considerar universitário, a tal ponto abandonou o estudo, e não realizava nenhuma espécie de trabalho útil. Bebia, viciou-se em tóxicos e vivia rodeado de mulheres, mas sua maior paixão era a velocidade, comprava uns carros estupendos, umas maravilhas de carros e ia arrancando os pedaços usando tudo a que tinha direito o acelerador - a primeira providência que tomava ao comprar um carro era mandar tirar o freio, não precisava de freio - até que se transformassem em sucata, pondo em risco a vida, sua e de outras pessoas e esbanjando a fortuna do pai. Era sua mãe quem lhe dava dinheiro. Kahina tinha atritos com a mulher por causa do filho e mais de uma vez expulsou-o de casa, mas a mãe de Henrique ameaçava ir com o filho se ele se fosse e, por razões puramente econômicas, Kahina protelou o divórcio e o rompimento definitivo com o filho até que a morte o surpreendeu sem que

tivesse feito nem uma coisa nem outra. Com a morte do pai, Henrique em vez de melhorar piorou. Não se regenerou, e sim desnorteou-se ainda mais. E queixava-se em vida do pai de que este era um estorvo.

As atribulações de Kahina não terminavam aí, pois sua filha caçula era também um problema - este, sim, doloroso. Com Henrique, não se importava mais, e a Regina ele amava acima de todas as coisas. Não entendia sua filha, não parecia haver no mundo ninguém capaz de a entender e amargura maior só viver entre os mortos. Como isto era possível? Sua filha era linda, verdes eram seus anos e nasceu em berço de ouro. E o que aconteceu?

O pecado que ele estava pagando começou cedo a se manifestar, na infância de Regina, e ela não foi uma criança como as outras. Não brincava e não tinha amiguinhas. Fosse o que fosse que havia com ela, começou na infância, agravou-se na adolescência e atingiu o clímax a partir do momento em que Regina perdeu o pai.

Kahina tinha recordações vívidas de Regina quando pequena. Uma menina loura, de olhos claros e olhar ausente que não se misturava com as outras crianças. Este olhar ausente, que ele viu em sua filha desde a infância e era o mesmo na juventude, o fazia sofrer mais do que tudo, transfixava-o. A filha a quem ele amava parecia louca.

Talvez não fosse. Desde criança, Regina gostava de andar pelas calçadas, dentro de casa ou no jardim, sempre sozinha, com seu olhar vacante, olhando sem ver, aérea, como uma alienada. Kahina se perguntava se para ela era como se não houvesse nada nem ninguém nos arredores. Sua filha sofria? Com certeza. Mas não dizia nada a ninguém, isolada em seu mundo particular, trancada dentro de si mesma. Era difícil ouvir uma palavra dos lábios de Regina. Ela falava pouco. Ou quase não falava.

Podia-se supor que não estivesse alienada, que tinha consciência do mundo e da vida ao redor e apenas seus hábitos eram estranhos. Regina frequentava a escola e tirava notas

razoáveis, apesar de não levar a sério os estudos. E era dada a leituras, o que sem dúvida contribuía para afastá-la do convívio com as outras pessoas e da vida rotineira que transcorria a sua volta.

Aos 8 anos, Regina começou a estudar piano. Interrompia os estudos de tempos a tempos e quando lhe dava na veneta retomava-os. Aos quinze, não tinha amigos, não saía com colegas, não ia a festas ou bailes nem gostava de passeios, a não ser que pudesse andar sem destino… sem testemunhas. A essa altura, a escola, o estudo de piano e mesmo as leituras haviam se tornado tarefas penosas das quais se desincumbia com esforço. Com dezesseis anos terminou o primeiro grau e saiu da escola. Continuou a travar batalhas esporádicas com o piano e o abandonou em definitivo dois anos mais tarde - pouco além de "Pour Elise", de Beethoven, tinha ido. Quase não lia mais. Passava horas em frente à televisão, desatenta à programação. Há dois anos fazia tratamento psicanalítico, sem resultado aparente. Era a mesma Regina, absorta, como se vivesse em outro mundo.

Regina tinha o costume de se aproximar em silêncio das pessoas e ficar imóvel diante delas, sem nada dizer, como se palavras fossem desnecessárias para explicar sua presença, que seria eloquente por si só.

Se alguém perguntasse:

- O que é, Regina? Está tudo bem com você? Ou tem algum problema? Quer me dizer alguma coisa?

Não obtinha resposta.

Às vezes Regina encarava a pessoa de quem se tivesse aproximado e às vezes, não, mas dava na mesma, pois mesmo quando olhava fixo para alguém era como se não visse ninguém.

Em outros tempos, as pessoas da família foram mais caseiras. Em criança, ou na adolescência, Regina poderia se aproximar de sua mãe, por exemplo, que talvez estivesse sentada diante da máquina de costura, costurando para os filhos. Se ninguém dissesse nada, ia ficando, o tempo não era com ela, e os membros de sua família conheciam seus costumes. Mas sua mãe

poderia resmungar, a qualquer momento, com impaciência não muito fácil de se notar:

- Quê que você quer, hem, Regina?

Ou então:

- Vai arrumar alguma coisa coisa para fazer, vai, menina.

Tão silenciosa quanto chegou, ela se retirava.

Devia ter seus motivos para se comportar desta maneira, mas ninguém compreendia. Talvez quisesse dizer alguma coisa, e acabava não falando. Como podia ser que só quisesse passar alguns minutos na companhia daquela pessoa. Quem sabe?

Por ironia, Regina era a mais bonita da família. Parecida com a mãe, porém de beleza mais apurada; mais atraente do que sua férrea e desengonçada irmã Magda e mais bela do que o irmão Henrique, que sem ser um rapaz feio andava muito maltratado. A beleza de Regina parecia superior, como um dom sobrenatural. E era uma menina quieta, tranquila, aparentemente imersa em serenidade. Caprichosa, vestia-se de forma impecável, tomava diversos banhos no mesmo dia para ter oportunidade de se arrumar mais vezes e ia dar seus passeios infindáveis, pela sala, a outra sala, os corredores ou saía e ia andar pela calçada.

Regina via televisão e não se interessava pelos programas. Ouvia música e não conseguia ouvir música por muito tempo. Lia cada vez menos e nunca mais abriu o piano. Não tinha muitos passatempos, de qualquer forma. Recentemente, descobriu que ir ao cinema podia ser interessante. Passava as tardes fora e à noite a família estava intranquila por sua demora.

- Por que vocês não deixam a Regina em paz? Por que vocês não esquecem ela? Ela não precisa de vocês.

Esta voz que se erguia em defesa de Regina era de Henrique, se estivesse em casa quando das discussões. Os demais achavam que Regina não sabia tomar conta de si mesma.

Com o irmão Regina conseguia dialogar e, a intervalos que tanto podiam ser de um mês quanto de dois anos, sentavam-se para um pouco de prosa. Trocavam ideias. Eles

tinham sua maneira própria de falar e outra pessoa que quisesse participar talvez não entendesse muito. Henrique falava gíria e Regina, com a convivência, aprendeu algumas e passou a fazer uso delas, mas quase sempre só por ocasião das trocas, de longe em longe, de ideias com o irmão.

- Barato é você numa boa que a caretice aí já não tem nada a ver.

- Caretice nunca tem nada a ver.

- Acho que não.

- Eu, já fico pensando.

- Como é que você ainda consegue pensar?

- Vim pela estrada de ferro.

- Que loucura. Andar na linha.

- Por aí você vê.

- Não largo do seu pé, maninha. Linha é linha maninha é maninha.

- O pior é contar os dormentes.

- Como consegue fazer uma conta quando eu não largo do seu pé?

- Contei milhões. E há milhões pela frente.

- Biliões de vezes com a canseira de inexorabilíssimos trabalhos.

- Você é culto.

- Você que me ensinou. Cara chamado Augusto dos Anjos. Poeta.

- Sabe como é. Não posso sair fora. Como nunca sei se a locomotiva vem… Às vezes eu não durmo à noite, cara, de puro medo!

- Vou achar uma solução para o seu problema. Tenta voltar, volta pra trás. Talvez os dormentes sejam menos numerosos. Ou não?

- Aí que uma delas é criança. E aí que não é mais. Como é que fica?

- Ô, meu! Nossa.